

O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO/DO TERRITÓRIO DE RIO VERDE – GO: MUDANÇAS NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

Benjamin de Lacerda Júnior – Universidade de Rio Verde – Fesurv
benjamim@fesurv.br

INTRODUÇÃO

As transformações na atividade agrícola no Brasil não foram consolidadas de forma homogênea. A Região Centro-Oeste teve um acelerado crescimento do setor agrícola a partir das décadas de 1970 e 1980.

Durante esse processo, as relações de produção do capital agrário criam condições para transformar o arranjo espacial de Rio Verde. Transformações que estabeleceram novos sistemas de objetos e ações na cidade e no campo.

Esses sistemas, conhecidos também como circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação foram intensificados na produção agropecuária pelo meio técnico-científico informacional e controlados por atores hegemônicos do agronegócio.

Todo esse conjunto de ações determinadas pelo desenvolvimento da agricultura associado ao complexo agroindustrial e de diversos setores da economia de Rio Verde foi responsável pela alteração do território.

1 - Território e Modernização da Agricultura no Município de Rio Verde - GO

O processo acelerado da modernização da agricultura provoca questionamentos sobre a apropriação, construção e o uso do território de Rio Verde nas décadas de 1980 e 1990. À medida que o processo de modernização da agricultura ganha intensidade altera o território. Essa alteração ocorre no campo e na cidade e ganha uma específica dimensão no seu conteúdo, porque altera o vivido, as formas materiais, sociais e econômicas do território. O rural e o urbano adquirem um caráter único nessa transformação deixando funções particulares, assumindo papel significativo para a racionalidade do desenvolvimento do capital global.

Partindo dessas idéias, podem-se identificar territórios toda vez que uma coletividade humana se apropria de um lugar e ali passa a estabelecer relações de posse e domínio. Essa concepção leva em conta que um território é apropriação e estabelecimento de relações de poder no seu interior. Mas também leva a crer que território é muito mais dado pelas relações do que pela apropriação concreta de determinado lugar. Os territórios são relações de poder que se materializam no espaço social. É a materialidade do território que também influencia a organização deste. É nesse momento que Santos (1996, p.52), quando define espaço como sistema de objetos e de ação, aproxima-se dessa idéia, ao demonstrar que *o sistema de objetos e o sistema de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos o se realiza sobre objetos preexistentes.*

Sobre a concepção de território como relações de poder materializadas no espaço social, pode-se pensar em territórios formados por comunidades com autogestão, nas quais são claras as relações de poder e de apropriação de espaço concreto e contínuo e também em territórios formados por

corporações no processo da modernização da agricultura, que são delimitados por sua influência, como é o caso da Cooperativa Comigo e a agroindústria Perdigão, instaladas no município de Rio Verde no final da década de 1970 (Comigo) e 1990 (Perdigão). Incentivada pela iniciativa estatal e uma série de condições favoráveis para territorializar o município, essas empresas criaram sistemas de objetos e ações sobre objetos já preexistentes.

Elias (2003, p.331) concebe esse momento de transformações profundas causadas pela modernização da agricultura no território, como o *Brasil agrícola com áreas urbanas: a cidade do campo*. A autora chama a atenção para a tecnificação e cientificação de atividades produtivas no campo, utilizando-se de algumas idéias de Milton Santos.

A adição de produtos químicos, a utilização da biotecnologia, o uso intensivo de máquinas agrícolas, entre outros, além de mudar a *composição técnica e orgânica da terra* (Santos, 1994), também fizeram expandir no mundo rural o meio técnico-científico-informacional, o que explica em parte a interiorização da urbanização, pois além do fenômeno da *fábrica moderna dispersa* dá-se também o fenômeno da *fazenda moderna dispersa*.

A autora ressalta que essa mudança resulta no crescimento urbano de cidades próximas às atividades agrícolas modernas e cria uma nova relação entre a cidade e campo.

A agricultura científica faz um novo uso do território à medida que se intensificam as relações sociais e econômicas de produção. As atividades agropecuárias realizam-se na utilização intensiva de circulação do capital financeiro, agrário e industrial, revelando a expansão do meio técnico-científico-informacional e a dinâmica do território.

2 - O Rural (campo) e o Urbano (cidade) de Rio Verde no contexto da Modernização da Agricultura

O espaço geográfico é simultaneamente organizado e dividido. Essa divisão pode obedecer a critérios funcionais, traduzidos nas paisagens. Desta forma, as paisagens organizadas dividem-se entre cidades e campos, entre espaço urbano e espaço rural. Caracterizam-se, cada um desses espaços, por uma fisionomia própria, por ritmos de atividade, por densidades humanas e por fluxos diferentes. Nas sociedades industriais, entretanto, as fronteiras entre o espaço rural e o espaço urbano tendem a ir se tornando cada vez menos precisas e mais flutuantes. Imprecisas, pois é difícil fornecer uma definição ao mesmo tempo exata e completa de cada um dos espaços, e movediças, pois o espaço urbano deixou de constituir um pontual para estender-se em manchas criadas pela urbanização, que, à medida que vai levando para os campos equipamentos e modalidades de consumos análogos aos das cidades, vai-se estendendo pelas regiões rurais, cujas condições de vida estão sofrendo uma transformação profunda.

Nessas circunstâncias, parcela significativa do espaço rural brasileiro foi gradativamente se urbanizando nas últimas décadas, como reflexo do processo de industrialização da agricultura, do transbordamento do mundo urbano para aquelas áreas que, tradicionalmente, eram definidas como rurais.

Como resultado, a agricultura interligou-se fortemente ao restante da economia, a ponto de não mais

poder ser separada dos setores que lhe fornecem insumos e/ou compram seus produtos. Essa integração pode ser percebida, por exemplo, nos chamados complexos agroindustriais, que passaram a dirigir a própria dinâmica das atividades agropecuárias a eles vinculadas.

As cidades que se constituíram no pólo do desenvolvimento da agricultura científica globalizada e na dinâmica da “involução metropolitana” Santos (1993) passaram a se apresentar com força para receber e emitir fluxos de todos os tipos e de intensidades variadas, o que resultou em criação de uma gama de novas relações sobre o território. Uma série de atividades agrícolas e agroindustriais, que se conhece hoje e que pouco tempo atrás não se conhecia, engendrou relações que escapam ao seu entorno imediato e buscam nexos distantes, ordenando uma rede de “circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação” Santos (1996).

3 - O sistema de objetos e ações do território de Rio Verde definindo mudanças na relação campo cidade.

Segundo Milton Santos (1994, p.111), o desafio de pensar a dinâmica e o conteúdo do espaço geográfico, nos marcos atuais da globalização da economia, de forma a dar conta da multiplicidade e da diversidade das situações e processos coexistentes, requer a consciência de que estamos diante da formação, em escala global, de um novo meio técnico-científico informacional. Para tanto, assevera o autor, há que se ter presente que:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações, e, de outro, o sistemas de ações leva à criação de novos objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

O território de Rio Verde passou a ser estruturado e organizado sobre forte influência da COMIGO (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano Ltda), que atendeu aos requisitos necessários à continuidade da plena racionalização e do funcionamento eficaz do ramo da soja do milho e algodão no âmbito mundial. A organização do que poderíamos denominar de complexo agroindustrial da soja requer um fluxo contínuo e atualizado de ordens e informações, que permeia a totalidade desse complexo, articulando os diferentes lugares participantes, a fim de viabilizar a própria racionalização e o pleno desenvolvimento desse ramo produtivo.

A Perdigão, no final da década de 1990, também organizou seu território no município de Rio Verde. A Empresa Perdigão Agroindustrial S/A. criou um plano estratégico que tinha como objetivo sair da Região Sul e começar a atender a outras regiões.

Utilizando a denominação dada por Santos, poderíamos confirmar que a COMIGO e a Perdigão são responsáveis pela consolidação de sistemas de objetos e ações no município de Rio Verde levando a um novo contexto a relação campo-cidade.

É nesse contexto que se configura a relação campo-cidade no município de Rio Verde, concordando com Santos (1994), para quem, no qual o presente período histórico, o espaço geográfico se deve à emergência de um meio técnico-científico informacional em que o território qualifica e quantifica a ciência, a tecnologia e a informação, que, pouco a pouco, invadem todos os recantos da vida social,

fazendo parte do cotidiano da cidade e do campo. No campo, mediante mecanização crescente, superimposição de um calendário agrícola, utilização de fertilizantes e sementes especializadas. Nas cidades, por meio do aperfeiçoamento dos serviços e da informação. Santos qualifica, assim, o espaço geográfico atual como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações, que variam segundo as condições históricas de cada época.

Os objetos são coisas produzidas pelo homem, intencionalmente concebidos para atender a determinadas finalidades, tendo a sua localização estabelecida intencionalmente. As ações são técnica e cientificamente fundadas, permeadas de informação e intencionalidade, ou seja, são ações racionais para um espaço racionalizado.

Por sua vez, o sistema de objetos e ações da Empresa Perdigão trouxe uma rede de outros empreendimentos à sua volta, contribuindo para os *circuitos espaciais de produção e círculo de cooperação* (SANTOS, 1994) no campo e na cidade, contribuindo para a formação de um nova ralação de Rio Verde. Altamente especializados, carregados de meio técnico-científico-informacional, as empresas geram empregos na zona rural, tecnologia, informações, infra-estrutura e capacitação de mão-de-obra, não ficando restritos à produção de subsistência em que as empresas estão atuando. Nesse sentido concordamos com Elias (2003, p.62) apoiada nas idéias de Santos (1979):

No Período Técnico-Científico-Informacional um dos principais signos da modernização da agricultura é o fim do isolamento mantido pela atividade em relação aos demais setores econômicos, graças a uma crescente interdependência com o crescimento geral da economia, ocorrendo processo contínuo de fusão com capitais dos demais setores. O estreitamento de relações entre a produção e o restante da economia constitui importante fator quando se que distinguir a agricultura contemporânea daquela existente antes da revolução tecnológica, quando grande parte dos circuitos espacial de produção se esgotava no interior do próprio estabelecimento agrícola. Hoje, “os circuitos espaciais de produção” agrícola e os “círculos de cooperação” necessários a sua realização extrapolam, de forma cada vez mais intensa, os limites de uma propriedade rural, de uma região ou de um país, transformando parte da agricultura numa atividade associada ao circuito superior da economia.

O que se observa, em Rio Verde, é uma tendência de interesses comuns em busca de melhores resultados. Os circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação facilitam a atração de investimentos e compartilham capitais, o que não ocorre com uma empresa isolada. Os benefícios dessa dimensão são perceptíveis em Rio Verde, o que permitiu instalar ao lado da Perdigão, grandes indústrias prestadoras de serviços e com altas qualificações, dentre as quais, citam-se, a empresa de embalagens plásticas – Videplast - e a empresa de embalagens de papel e papelão – Grupo Orsa, e grãos Cargil.

Nesse sentido, percebe-se o uso do território pelas empresas em Rio Verde por meio dos circuitos espaciais de produção e círculo de cooperação, concordando com Santos (1994, p.128), ao afirmar que:

O uso do território não é o mesmo para as diversas firmas. Os mesmos sistemas de engenharia são utilizados diferentemente e seletivamente. Na medida em que a força de mercado não é a mesma, a dimensão espacial de cada firma não é idêntica, variando com a capacidade de cada qual para transformar as massas produzidas em fluxos. Cada firma usa o território

segundo sua força. Criam-se, desse modo, circuitos produtivos e círculos de cooperação, como forma de regular o processo produtivo e assegurar a realização do capital. Os circuitos produtivos são definidos pela circulação de produtos, isto é, de matéria. Os circuitos de cooperação associam a esses fluxos de matéria outros fluxos não obrigatoriamente material: capital, informação, mensagens, ordens. As cidades são definidas como pontos nodais, onde estes círculos de valor desigual se encontram e superpõe.

Essa forma de circuito espacial de produção e círculo de cooperação na cidade de Rio Verde, segundo Elias (2003) denomina de economia urbana de consumo. A cidade torna-se receptível a atender as necessidades de uma produção agrícola e agroindustrial. A autora afirma que:

[...] os lugares mais rapidamente receptivos aos apelos de uma produção agrícola e agroindustrial globalizada estão entre os que mais fizeram surgir inúmeros atividades que escapam às classificações mais tradicionais das atividades econômicas, particularmente do terciário [...] com a instalação de muitos novos fixos e, conseqüentemente a constituição de muitos atuais fluxos, de matéria e informação. Com a fluidez possível graças à construção dos modernos sistemas de engenharia dos transportes e das comunicações, intensificaram-se trocas de todas as naturezas difundindo o comércio e os serviços diversos, com grandes impactos na vida social e no território. Diante disso, o desenvolvimento das atividades agrícolas associadas à agroindústria não acontece sem sua devida integração ao circuito da economia urbana. Quanto mais moderna se tornava a atividade agropecuária, mais urbana se apresenta sua regulação. A cada sopro de modernização das forças produtivas agrícolas, as cidade se tornavam responsáveis por responder às demandas crescentes de uma série de novos produtos e serviços, dos híbridos à mão-de-obra especializada, o que fez crescer a urbanização, assim como o tamanho e o número das cidades. (ELIAS, 2003, p.187-188).

Esse ambiente dinâmico e competitivo exige planejamento e investimento direcionado a demandas específicas, com iniciativas já em andamento no sentido de promover e acelerar o desenvolvimento econômico regional.

Nesse sentido, os sistemas de ação ou os círculos de cooperação atuam de diversas formas, com a participação de diversos atores: Estado, bancos, universidades, empresas privadas e públicas, como também a população rural e urbana. A intensidade de atuação é tão grande que os círculos de cooperação atingem uma esfera que rompe as fronteiras do município de Rio Verde, expandindo-se para o sudoeste goiano, outras regiões do Brasil e o exterior, ou seja, a dinâmica do círculo espacial de produção tem um caráter local e global de fluxos de capitais, mercadorias e produtos formados em rede. O Estado, nesse sentido, tem uma parcela importante de participação.

A função do Estado hoje se restringe à regulamentação das leis de mercado e planejamento como membro dos circuitos de cooperação. O Estado interfere mais sob o comando das empresas, como explica Santos (1994, p.108):

No campo modernizado, onde a racionalidade já se instalou nos objetos e nas atividades, as grandes empresas podem comandar diretamente os processos, a despeito do Estado. Quando o campo é marcado pelo nexo da ciência, tecnologia e informação, o Estado aparece com menor força de intervenção, exceto se decide antepor-se às chamadas leis de mercado. Graças, exatamente, àquelas suas áreas sociais geográficas onde a

racionalidade capitalista contemporânea é menor, o Estado (União, Estados, Municípios) pode ter força para planejar a cidade.

Nesse contexto, destaca-se a Plataforma Tecnológica do Sudoeste de Goiás, em fase de implantação, que bem exemplifica a importância de se desenvolver o meio técnico científico-informacional centrados na realidade local, no qual o Estado, empresas privadas e instituições configuram o círculo de cooperação.

A Plataforma tecnológica é conhecida como um centro de excelência em agronegócio. Esse projeto tem por objetivo qualificar mão-de-obra para os mais diversos segmentos do agronegócio, além de produzir e oferecer informações técnicas para o setor produtivo. Como resultado da interação entre empresas e a Plataforma Tecnológica tem-se o Centro Tecnológico da COMIGO, mais um recurso importante nos circuitos espaciais de produção e círculo de cooperação.

Elias (2003), associa esse Centro Tecnológico ao consumo produtivo do campo moderno, relacionando-o com algumas idéias de Santos.

Há mais de uma década, Milton Santos chamou a atenção para o fato de a cidade ter-se transformado no local da regulação da produção agropecuária moderna, seja pelo fato de seus produtos serem cada vez mais entregues aos mercados urbanos para serem processados e consumidos, seja porque a agropecuária moderna tem o poder de impor especializações territoriais dia a dia mais profundas. No mundo agrícola moderno, ao lado do consumo consumptivo, que se esgota com ele próprio, criam-se novas formas de consumo associadas à produção agropecuária. Como a incorporação de ciência, tecnologia e informação ao território rural, amplia-se e se configura o consumo produtivo do campo: máquinas e implementos agrícolas, adubos e fertilizantes diversos, insumos intelectuais, crédito, administração pública etc. (ELIAS, 2003, p.191).

Nesse sentido, a cidade e o campo fazem parte de um cenário em transformação e continuação, definindo uma nova mudança na relação campo-cidade de Rio Verde, apresentando-se como indicador geográfico e problemas gerais, que segundo Santos (1994, p.132) são:

novos insumos (materiais ou não) e novo papéis da cidade no seu fornecimento; hierarquias assim geradas; deslocamentos para o campo de certas atividades industriais; novas atividades de concepção, comando, administração superior ou controle instalado nas cidades médias (e menores?); presença de novos terciários localizados; novos fluxos entre cidade e 'seu' campo; os fluxos e atividades criadas pelo campo modernizado na 'sua' cidade; o impacto das novas redes de transporte e comunicação; a cidade como lugar de residência de agricultores e de 'agrícolas' novas formas de rurbanização.

Nesses problemas gerais é que encontramos o caráter de domínio, poder e uso do território, exclusão social, condicionado pelas relações de produção da economia local. Neles, ou a partir deles, podemos detectar os atores hegemônicos e os excluídos do "novo espaço rural e urbano" de Rio Verde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou como o processo de modernização da agricultura, em Rio Verde, provocou transformações profundas no processo produtivo associado à atividade agropecuária, modificando os sistemas de ações e de objetos no campo e na cidade.

As áreas, as culturas e os produtores de Rio Verde que não foram de alguma forma incorporados ao processo de modernização exercem papéis periféricos ou de exclusão na organização da produção agrícola que se processa nas últimas décadas. O espaço rural não foi homogeneizado, uma vez que foi desigualmente atingido pela difusão de inovações agrícolas. Constitui-se, dessa forma, um espaço seletivo, como uma forte concentração territorial das formas resultantes do processo de modernização da agricultura acompanhadas da organização do complexo agroindustrial Comigo e Perdigão.

O descompasso técnico e econômico entre as diferentes áreas e culturas agrícolas do país é notório. Porém, o município de Rio Verde, os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação são cada vez intensos nas áreas e culturas com capacidade de responder aos estímulos para a renovação das forças produtivas e da expansão do meio técnico-científico-informacional, apresentando acentuado contraste entre si, de acordo, ainda, com as formas e estruturas sócio-espaciais anteriores. Os objetos e as ações estão inseridos em uma dinâmica que, basicamente, se compreendem pelas relações de poder, o seu uso, definindo e dando significados para uma nova mudança na relação campo-cidade de Rio Verde.

Os sistemas de objetos e ações são muitos. Tempo, espaço e técnica dão condições suficientes para aqueles atores hegemônicos do poder, predispostos a uma lógica e a um movimento capazes de criar ordem para si mesmos e a desordem para o resto. Juntos, esses atores, os sistemas de objetos e de ações, (re)definem o campo e a cidade.

É nesse sentido que podemos pensar a modernização da agricultura, o uso no/do território, a cidade e o campo como categoria de análise para compreender a transformação do espaço em Rio Verde, tendo a agroindústria Perdigão, a Comigo e outros circuitos espaciais de produção a hegemonia do poder.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CASTRO, A. C. F.; FONSECA, M. de G. D. **A dinâmica agroindustrial do Centro-Oeste**. Brasília. IPEA, 1995.

ELIAS, D. **Globalização e Agricultura**. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. Agricultura científica no Brasil. In: SOUZA, M. A. A. de. **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Territorial, 2003.

FERREIRA, I. C. B. Ceres e Rio Verde: dois momentos da expansão da fronteira agrícola. In: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: UnB, 1988.

GONÇALES, C. A Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano Ltda (COMIGO) e o

desenvolvimento da Região de Rio Verde – GO. In. PEREIRA, S. L.; XAVIER, C. L. (Orgs.). **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: UFU, 2003.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 2002.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. **O direito à cidade**. Tradução de Eduardo Frias Rubens. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, T. S.; SCHIAVENATTO, M. Agroindústria e desenvolvimento sustentável será possível? A experiência de Rio Verde. **Caderno de Consulta**, Goiânia, n.19, 2002.

MULLER, C. C. Políticas governamentais e a expansão recente da agropecuária no Centro-Oeste. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n.3, jun. 1990.

OLIVEIRA, A. U. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo:

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço; técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Território e sociedade entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994 a.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOTO, W. H. G. **A produção do conhecimento sobre o “mundo rural no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.